



XX Colóquio Internacional de Gestão Universitária - CIGU 2021

Universidade frente aos desafios da Pandemia:
Cenários Prospectivos para a Gestão Universitária

Evento virtual
24 e 25 de novembro de 2021
ISBN: 978-85-68618-08-0



INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ESTRUTURA INTELLECTUAL E REDES SOCIAIS DAS COMUNIDADES CIENTÍFICAS

GIONARA TAUCHEN

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

giotauchen@gmail.com

JUAN CARLOS TERAN BRICEÑO

Universidad de Los Andes (ULA)

juanfisico23@gmail.com

DANIELE SIMÕES BORGES

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

daniele.uab@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse artigo é construir a estrutura intelectual e de redes sociais das comunidades científica empenhadas, nas últimas décadas, nos estudos sobre a internacionalização da Educação Superior. Para tanto, como estratégia metodológica utilizamos a análise de base bibliométrica da produção científica no período de 1998 a 2020, nas bases de dados da *Web of Science* (WOS) e Scielo. Por meio do estudo bibliométrico obtivemos um panorama de todas as publicações na temática perfazendo uma amostragem de 815 artigos. Detectou-se que 50% do total analisado da produção sobre internacionalização localiza-se entre China, Brasil e Estados Unidos. No que versa as publicações em coautoria a China mantém maior protagonismo sendo a Universidade de Hong Kong a instituição com maior afiliação. No Brasil destaca-se Marília Costa Morosini como a pesquisadora mais referenciada colocando em evidência as instituições UFRGS e PUC/RS. Por fim, destacamos que os estudos sobre o tema vêm crescendo nos últimos cinco anos e o Brasil vem estabelecendo redes, sobretudo, com a China, o Reino Unido, o Canadá, a Rússia, Portugal, Japão e África do Sul.

Palavras chave: Educação Superior, internacionalização, produção científica, redes de colaboração, bibliometria.

1. INTRODUÇÃO

A internacionalização da Educação Superior, situada no dilema entre a sociedade do conhecimento e a economia do conhecimento (TREVISOL e FÁVERO, 2019), pode ser considerada um campo de estudos e de indução de vários organismos internacionais, nomeadamente a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Banco Mundial (BM), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a Comissão Europeia (EU), a Associação Internacional de Universidades (IAU), a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), entre outros. Sguissardi (et al, 2005) destaca que as mudanças das políticas e da gestão da Educação Superior estão afinadas com as propostas do Banco Mundial, as quais variaram em função das especificidades históricas de cada país, sendo inegável o alinhamento à gestão empresarial de mercado, afetando as atividades e as culturas das instituições. Destaca o modelo de universidade mundial, decorrente dos processos de globalização, como um [...] “novo modelo de universidade com traços mais ou menos universais e que tende a se impor hegemonicamente sobre os sistemas nacionais de educação superior da maioria dos países” (SGUISSARDI et al, 2005, p. 21). Este modelo que pode ser caracterizado como desigual, discriminatório, neoprofissional, heterônomo, operacional, empresarial, competitivo e, em que, a internacionalização tornou-se um imperativo.

No Brasil, os principais atores no financiamento e indução da internacionalização da Educação Superior são o Ministério da Educação (MEC), através das agências de fomento – Capes e CNPq – as quais tratam de regulações e de programas específicos para as atividades de internacionalização; o Ministério da Ciências, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE). Podemos citar outros atores como os bancos Itaú e Santander, Gerdau, Fundação Roberto Marinho, Fundação Lemann, Comissão Fulbright Brasil e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB).

A indução à internacionalização das instituições de Educação Superior (IES), pode ser evidenciada no Art. 11 da Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação (UNESCO, 1998), em que vincula-se a qualidade deste nível de ensino à “[...] dimensão internacional: intercâmbio de conhecimentos, criação de redes interativas, mobilidade de professores e estudantes, e projetos de pesquisa internacionais [...]”. No Art. 15 da Declaração também são destacados os princípios da “cooperação internacional com base na solidariedade, no reconhecimento e apoio mútuo, na autêntica parceria que resulte, de modo equitativo, [...] a importância de compartilhar conhecimentos teóricos e práticos”, bem como a necessidade de implementar instrumentos normativos nacionais e internacionais. Ou seja, a internacionalização vem sendo associada aos níveis de qualificação e de diferenciação institucional, projetando-se e modificando a paisagem da Educação Superior no Brasil e no mundo, mas o que se diz, por meio da produção científica, sobre a internacionalização das instituições de Educação Superior? Quem são os produtores do discurso científico sobre o tema? Que redes sociais e comunidades científicas estão implicadas nas últimas décadas?

Intencionamos, por meio da análise bibliométrica da produção científica construir a estrutura intelectual e de redes sociais das comunidades científica empenhadas, nas últimas décadas, nos estudos sobre a internacionalização da Educação Superior.

A análise bibliográfica pode favorecer a organização, a interpretação, a comparação e a diferenciação da produção científica, possibilitando identificar, influências, tendências dos discursos e possibilidades para futuras investigações.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Stalliveri (2009; 2017) expressa que a internacionalização é um fenômeno, não uma opção institucional, pois vem sendo projetada em um cenário em que o conhecimento e as aprendizagens interagem, produzem e são produzidas pelas práticas econômicas, promovendo mudanças nas concepções vinculadas às finalidades da Educação Superior.

Knight (2003), uma das principais referências deste campo de estudos, expressa que a internacionalização, produtora e produzida pela globalização, pode ser definida como “o processo de desenvolvimento e implementação de políticas e programas para integrar as dimensões internacional, intercultural e global nos propósitos e funções da educação superior (KNIGHT, 2003, p. 2).

Ou seja, a internacionalização envolve múltiplos atores, conforme supracitado, e comporta significados polissêmicos que vão desde a interação de experiências e investigações científicas entre os países, até instituições sem fronteiras, programas e serviços internacionais, intercâmbio educacional e cooperação técnica, interação intercultural e global, entre outros (BORGES e TAUCHEN, 2017). Por isso, Morosini (2006) expressa que a internacionalização é um campo de estudos em expansão, mas que existe a necessidade de estudos que abordem sua contribuição para qualidade acadêmica social. Souza Jr. (2010, p. 8-9) considera que a “[...] internacionalização é relativa às práticas exercidas no âmbito da educação por governos e instituições, visando à mobilidade e/ou transferência de conhecimento do sistema educacional de um Estado para o sistema de outro Estado”. Castro e Neto (2012, p. 70) concebem a internacionalização de forma ampliada envolvendo, “[...] além da cooperação técnica, a inserção de uma dimensão internacional ou intercultural em todos os aspectos da educação e da pesquisa”.

Lima e Maranhão (2009) analisam o fenômeno da internacionalização educacional sob dois ângulos: ativa e passiva. A primeira é evidenciada pela atração acadêmica e oferta de serviços educacionais no exterior. A segunda, pelo envio assistemático de estudantes para o exterior. Esta conceituação também é assumida pela Capes ao expressar que “a internacionalização pode ser entendida enquanto um processo amplo e dinâmico envolvendo ensino, pesquisa e prestação de serviços para a sociedade [...]”, podendo ser abordada “em dois tipos: a passiva, onde ocorre a mobilidade de docentes e discentes para o exterior; e a ativa, onde o fluxo é inverso” (MEC/Capes, 2017, p. 6).

Para Cunha e Reschke (2016), a internacionalização vem sendo incorporada como um diferencial nas agendas institucionais, gerando avanços no que diz respeito à qualidade do ensino, constituindo-se como uma oportunidade de qualificação das trajetórias acadêmicas e profissionais. Laus (2012) e Gácel-Ávila (2003) também vinculam a internacionalização aos processos de mudança organizacional, cultural e gestão estratégica. Altbach (2004), De Wit (2002; 2005), UNESCO (2003), Lima e Maranhão (2009) discutem a internacionalização no cenário da globalização e de neocolonialismo. Knight (2004; 2008), Altbach e Knight (2004) e Morosini (2006; 2011), Laus e Morosini (2005) discutem modelos e práticas de internacionalização. Tais estudos, de modo geral, têm investido na conceitualização do campo de estudos, razões e motivações para a internacionalização (DE WIT, 2005).

3. METODOLOGIA

Revisões da produção científica e análises bibliométricas são ferramentas fundamentais no trabalho de pesquisa, pois avaliam e analisam dados da literatura, a fim de encontrar co-ocorrências em problemas que não são tão óbvios (CORZO e ALVAREZ-AROS, 2020). Para

localizar e analisar os documentos listados no banco de dados científicos, utilizamos uma ferramenta de código aberto para a pesquisa quantitativa em cientometria e bibliometria que utiliza métodos de análise bibliométrica. Por meio do uso de Aplicações *R* e *Rstudio*, é acrescentada uma biblioteca desenvolvida com estes métodos de análise, chamada *Bibliometrix* que permite a cartografia científica (ARIA e CUCCURULLO, 2017). Este código tem sido aplicado em várias pesquisas e em diferentes disciplinas que requerem tal análise (DUQUE e CERVANTES-CERVANTES, 2019; CORZO e ALVAREZ-AROS, 2020; MANTILLA e VERCOUTERE QUINCHE, 2021; TERÁN, TAUCHEN e LOBO, 2021).

Há vários métodos para resumir a quantidade de atividade científica em um domínio, mas a bibliometria tem o potencial de introduzir um processo de revisão sistemática, transparente e reproduzível que permite identificar dados como co-citação, acoplamento, análise da colaboração científica, palavras-chave relatadas pelo autor, ou pela revista, entre outros (ARIA, MISURACA e SPANO, 2020). Nesta biblioteca, podemos realizar várias rotinas de importação de dados bibliográficos das bases de dados *Scopus*, *Clarivate Analytics Web of Science*, *PubMed* e *Cochrane*, obtendo matrizes de dados que permitem sintetizar os resultados de pesquisas anteriores, assim como o progresso de uma linha específica de pesquisa.

Nesta perspectiva, a análise bibliométrica realizada seguiu quatro etapas (imagem 1), que desempenham um papel crucial na síntese dos resultados de pesquisas anteriores, fazendo uso efetivo da base de conhecimento existente e, portanto, estabelecendo uma linha de pesquisa baseada em evidências.

Etapas da análise da cartografia científica realizada:

1. Seleção de documentos na base *Web of Science* (WOS) e Scielo, conforme critérios estabelecidos e exportação de dados em formato TXT.
2. Depuração do conjunto de bancos de dados resultante, e análise estatística.
3. Visualização das relações usando R e Bibliometrix.
4. Análise dos resultados e conclusões.

Para a primeira etapa, a seleção dos dados foi realizada por meio da licença do Portal de Jornais CAPES / MEC, que permite o acesso remoto ao conteúdo subscrito do portal da revista, disponível às instituições federais, neste caso pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Assim, o principal banco de dados da Web of Science e Scielo foi acessado.

A busca foi delimitada em três critérios: 1) período das publicações: 1998 a 2020. O ano inicial foi definido em função das influências à internacionalização decorrentes da Declaração mundial sobre a Educação Superior no século XXI.; 2) corresponder aos descritores de Internacionalização (internationalization-internationalize-internationaliz*), Internacionalização política (politics- policy), Educação superior (college education-University education), Ensino superior (higher education - University education -educat*); 3) cumprir a função lógica (1) nos campos de um registro (título, resumo, palavras-chave do autor, palavras-chave do banco de dados). A Tabela I mostra os documentos encontrados, os quais foram refinados nos três principais países com maior produção científica vinculada à internacionalização da Educação Superior.

$$F: (internationaliz * \cup educat *) \cup (higher \cap college \cap University) \quad (1) \\ \cup (politics \cap policy) \rightarrow Documents$$

TABELA I. Resultado da consulta nos bancos de dados da *Web of Science* e *Scielo*.

Palavras-chave	Nº de Documentos
TÓPICO: (internationaliz* AND educat*) AND TÓPICO: (higher OR college OR University) AND TÓPICO: (politics OR policy)	815
TÓPICO: (internationaliz* AND educat*) AND TÓPICO: (higher OR college OR University) AND TÓPICO: (politics OR policy) Refinado por: [excluindo] PAÍSES/REGIÕES: (PEOPLES R CHINA)	106
TÓPICO: (internationaliz* AND educat*) AND TÓPICO: (higher OR college OR University) AND TÓPICO: (politics OR policy) Refinado por: [excluindo] PAÍSES/REGIÕES: (USA)	91
TÓPICO: (internationaliz* AND educat*) AND TÓPICO: (higher OR college OR University) AND TÓPICO: (politics OR policy) Refinado por: [excluindo] PAÍSES/REGIÕES: (BRAZIL)	79

Na segunda etapa, os dados recuperados foram analisados usando o RStudio 2021.09.0 + 351 software *Ghost Orchid* com o pacote *R* da *bibliometrix*. Desta forma, os dados foram importados para o *RStudio* e convertidos em um quadro de dados bibliográficos. Depois, normalizados para a marcha em duplicata para obter resultados descritivos da análise das citações, das informações científicas e da produtividade.

Para a terceira etapa, a marcha foi usada em duplicata, as funções relevantes do pacote *R* da *Bibliometrix*, nas quais foram calculadas e visualizadas as redes bibliométricas (citação, autor, país, palavra-chave do autor e redes de palavras-chave do banco de dados) e acoplamento bibliográfico (citação conjunta, co-ocorrências de palavras-chave, etc.) em uma rede bibliométrica bidirecional (bipartida) de matrizes retangulares de Artigos \times Atributos.

Um modelo gráfico de todas as redes foi criado usando algoritmos dirigidos pelo grupo Louvain (Blondel et al., 2008) implementado na função *networkPlot* do pacote *R*. Todas as redes foram padronizadas usando o coeficiente Simpson (índice de inclusão), o índice de proximidade (força de associação), o índice de similaridade de Jaccard e o coeficiente coseno de Salton entre nós de uma rede. A função implementa o algoritmo de derivação Porter para modular as palavras flexionadas para sua forma raiz.

Na quarta etapa, produzimos o metatexto com os resultados, discussões e conclusões, assim como as tendências nos três países com maior produção científica sobre a internacionalização do Ensino Superior.

4. RESULTADOS

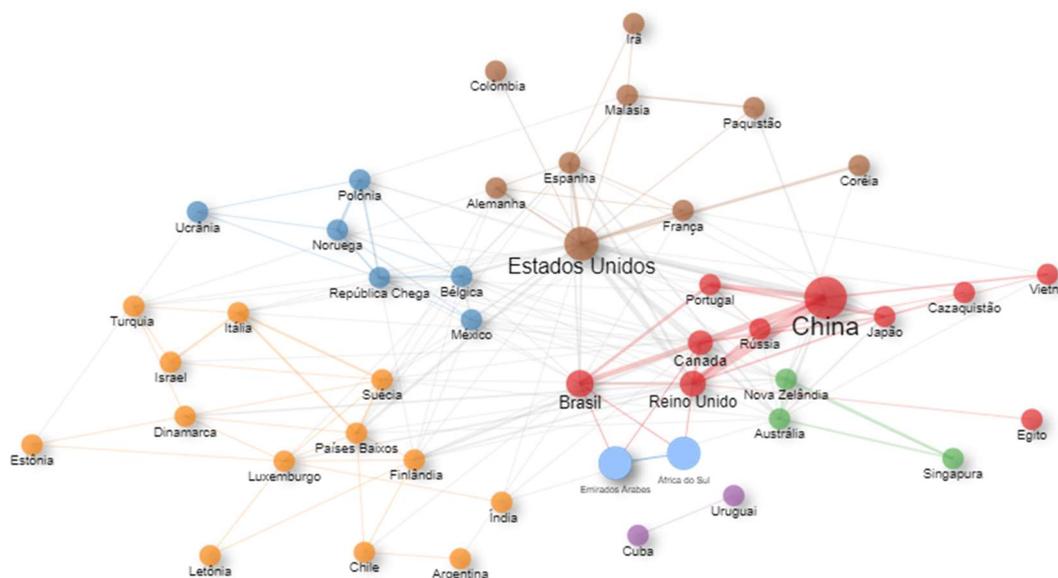
Certamente, pesquisadores interessados no fenômeno da internacionalização da Educação Superior, independente do enfoque ou delimitação do estudo, ancoraram suas reflexões em estudos anteriores, em autores de referência. Tal constatação pode ser observada quando acessamos as referências bibliográficas das publicações científicas. Este indicador nos fornece pistas sobre as nossas escolhas de pesquisa e de produção do conhecimento, sobre as contribuições do outro que julgamos pertinente e, possivelmente, sobre a nossa perspectiva paradigmática. Conforme Grácio (2016, p.83),

o conjunto de referências dos trabalhos científicos pode, nesse contexto, ser analisado como reflexo de uma comunidade científica discursiva, na medida em que explicita tanto o diálogo entre os autores citantes e citados, como o reconhecimento da proximidade e vizinhança teórica e/ou metodológica entre os citados por esta comunidade, retratando assim características do domínio.

Neste sentido, o estudo bibliográfico pode fornecer informações não apenas sobre o estado do conhecimento, sobre os temas emergentes, mas também conhecer as comunidades científicas que os produzem e suas redes de relações, pois a produção do conhecimento é de natureza histórico-social, cultural, política e tais estudos “contribuem para a visualização do processo comunicativo e interativo, bem como da estrutura subjacente do domínio em estudo” (GRÁCIO, 2016, p. 83).

Quando analisamos a rede social dos países, nas 815 publicações científicas selecionadas no período, observamos, na rede vermelha onde situa-se o Brasil, relações com a China, Reino Unido, Canadá, Rússia, Portugal, Japão, Vietnã, África do Sul, Cazaquistão e Emirados Árabes.

Figura 1- Redes de colaboração entre os países.



Método de análise de rede estândar, Algoritmo de agrupamento Louvan, Força de repulsão 0.1.

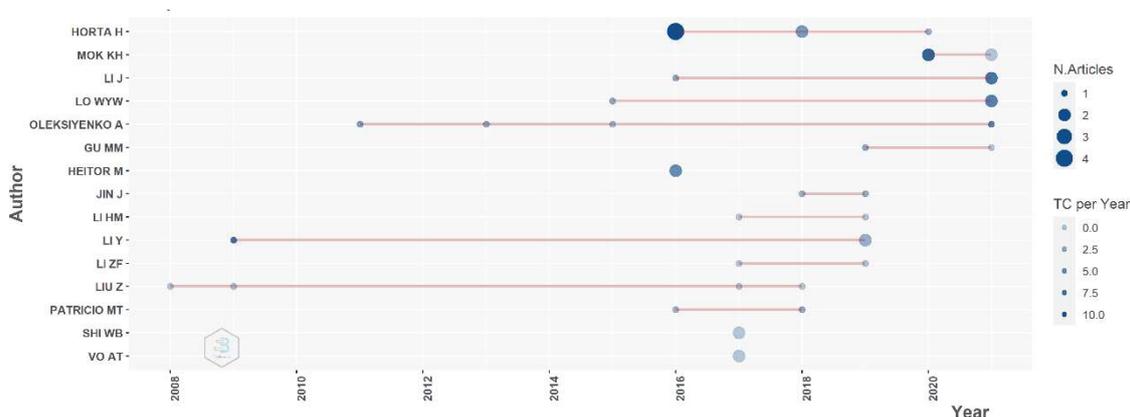
No grupo azul, as interações entre Ucrânia, Polônia, Bélgica, Noruega, México, República Checa e Egito. No grupo verde, Austrália, Nova Zelândia e Singapura. No grupo violeta, Cuba e Uruguai. No grupo laranja, Turquia Argentina, Itália, Suécia, Índia, Finlândia, Países Baixos, Israel, Chile, Dinamarca, Estônia, Letônia e Luxemburgo. No grupo marron, Estados Unidos, Espanha, Coréia, Alemanha, Colômbia, Malásia, Irã, França e Paquistão.

Quando analisamos a produção científica total, por país, percebemos que 20,2% está situada na China, 18,6% no Brasil, 17,6% nos Estados Unidos, 9,6% no Reino Unido, 9,2% na Espanha e 9,1% no Canadá. Ou seja, mais de 50% da produção sobre internacionalização localiza-se entre os três primeiros países. Contudo, se analisarmos as produções em coautoria, 13% situa-se na China, 7,9% nos Estados Unidos, 6,7% no Canadá, 5,8% no Reino Unido, 5% na Espanha e 4,8% no Brasil, teremos um decréscimo de todos os índices, mas mantendo a China em destaque em número de publicações e em publicações em coautoria.

O Brasil, na primeira análise, assume o segundo lugar em número de publicações, mas em publicações em coautoria (nacional e estrangeira), situa-se na sexta posição. Nossa hipótese, para a primeira situação é referente ao número de periódicos brasileiros indexados na base de pesquisa, o que prospecta nossa posição. Mas, na segunda situação, suspeitamos que há relações com financiamento das pesquisas sobre o tema que, geralmente, envolvem as ciências sociais e humanas, e estas têm decaído no Brasil, dificultando a consolidação das redes de colaboração e de coautoria. Além disso, os modelos de financiamento, recentemente, passaram a induzir a submissão de propostas em rede. Também, fatores sociais como vínculos profissionais e pessoais com outros pesquisadores, afinidade temática, linguística e epistemológica, políticas institucionais, proximidade física, entre outros aspectos. Vanz e Stumpf (2010, p. 45) esclarecem que “a co-autoria é apenas uma faceta da colaboração científica, pois ela não mede a colaboração na sua totalidade e complexidade”.

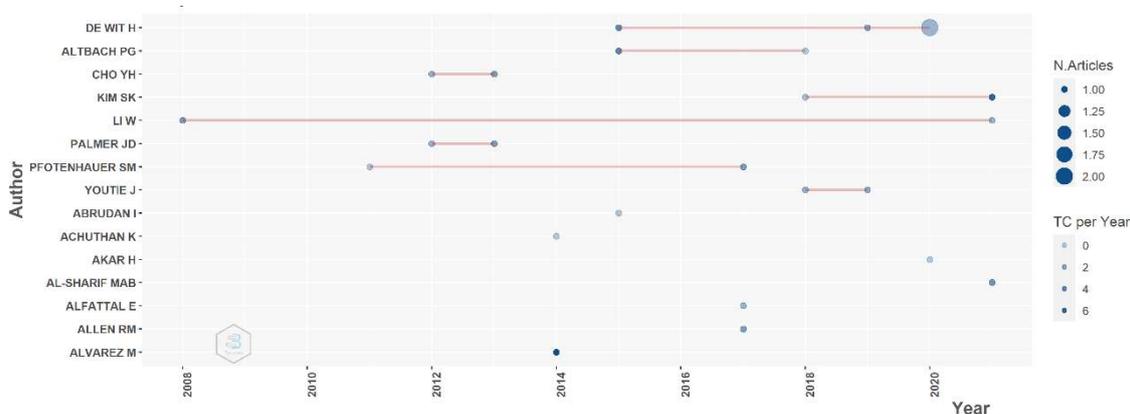
Na China, observa-se que os estudos sobre internacionalização se ampliam a partir de 2015, sendo Horta, Mok, Li e Lowyw os autores mais relevantes e a Universidade de Hong Kong a instituição de maior filiação.

Gráfico 1- Histórico da produção dos autores chineses mais citados no período.



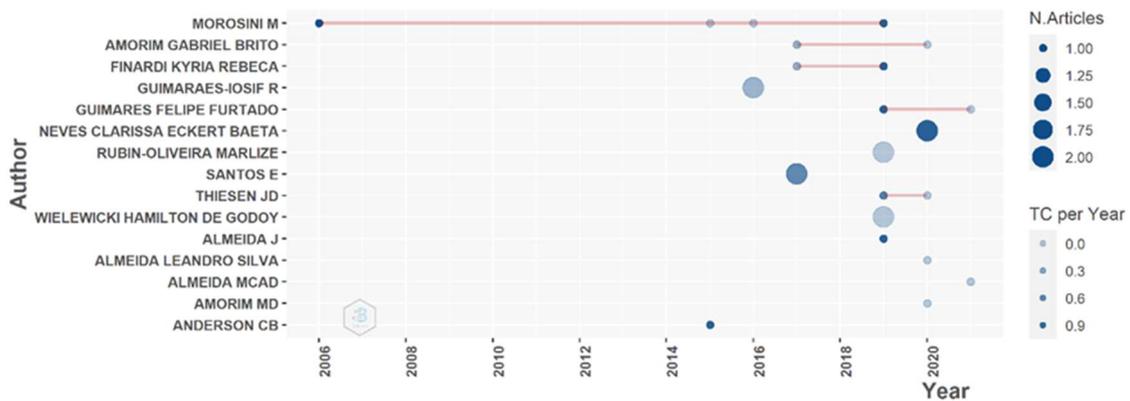
Nos Estados Unidos, De Wit pode ser considerado o pesquisador mais referenciado, também a partir de 2015. Dentre as instituições de afiliação, destacam-se Boston College e a Universidade de Michigan.

Gráfico 2- Histórico da produção dos autores norte-americanos mais citados no período.



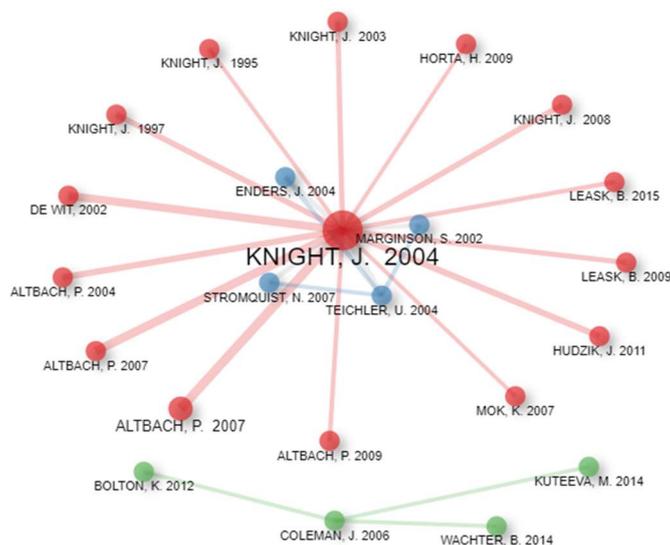
No Brasil, Marília Costa Morosini é a pesquisadora mais referenciada nas últimas duas décadas e, apenas nos últimos cinco anos, outros pesquisadores voltaram-se aos estudos sobre internacionalização. Com relação à filiação, observa-se a vinculação com as instituições de atuação da pesquisadora: UFRGS e PUC/RS, bem como a maior incidência das pesquisas na região sul.

Gráfico 3- Histórico da produção dos autores brasileiros mais citados no período.



Nos estudos bibliométricos, também podemos analisar as coautorias, as redes de citação e de cocitação que, conforme Callon, Courtial e Penan (1995), são indicadores relacionais centrados nas interações na comunidade científica. Assim, quando analisamos a rede de coocorrência das 740 referências bibliográficas que integraram o estudo, destacam-se os estudos precursores de Jane Knight, da Universidade de Toronto no Canadá. Podemos perceber indicadores de relações e construir uma estrutura intelectual do domínio, prospectando estudos futuros sobre a natureza epistemológica dessas redes.

Figura 2- Rede de coocorrência das referências bibliográficas.



Método de análise de rede kamada-kawai Algoritmo de agrupamento Louvan, Força de repulsão 0.1 Número mínimo de arestas 7.

5. CONCLUSÃO

Os estudos bibliométricos nos possibilitam filtrar e recombinar inúmeras variáveis, contribuindo com a identificação de vestígios sobre a produção intelectual, a estrutura conceitual, intelectual e de rede social de uma determinada área ou tema, a partir da base de dados utilizada.

A análise da estrutura intelectual e de redes sociais das comunidades científica empenhadas, nas últimas décadas, nos estudos sobre a internacionalização da Educação Superior evidenciou que os estudos sobre o tema vêm crescendo nos últimos cinco anos e que o Brasil está entre os três países com maior publicação, estabelecendo redes, principalmente, com a China, o Reino Unido, o Canadá, a Rússia, Portugal, Japão e África do Sul.

Cogitamos que o aumento expressivo da produção científica mundial sobre a internacionalização da Educação Superior, a partir de 2015, esteja relacionada com os efeitos do desinvestimento público com este nível de ensino, observado em diversos sistemas educacionais a partir dos anos 2000. A comercialização de serviços educacionais tem sido intensificada mundialmente, transformando instituições locais em multinacionais com franquias em diferentes países, diversificado a modalidade de oferta dos cursos, promovido políticas de creditação e de reconhecimento das certificações, potencializado o recrutamento de estudantes estrangeiros, induzido parcerias interinstitucionais para captação de financiamento de pesquisa, entre outros aspectos que suscitam inúmeras preocupações de pesquisa e expressam a complexidade dos processos envolvidos na internacionalização da Educação Superior.

Percebemos que os estudos sobre internacionalização que, muitas vezes, são de natureza teórica, abordando políticas de internacionalização, quer sejam institucionais, nacionais ou transnacionais, atividades e perspectivas educacionais e epistemológicas da internacionalização. Talvez, por isso, a produção brasileira em coautoria seja menor em relação ao total da produção. Mas, por outro lado, a indução da política de avaliação da pós-graduação no Brasil, certamente tem ampliado a quantidade de artigos assinados pelo orientador e orientando, incrementando o crescimento da coautoria. A promoção de bolsas para pós-doc e para o doutorado sanduiche, talvez, também podem estar contribuindo com a produção em coautoria, especialmente, estrangeira, apontando possibilidades para investigações futuras!

Observa-se nos dados apresentados, a pequena participação de países Africanos nas publicações sobre o tema, o que também foi constado por Huggett (2013) ao apontar que apenas 9% das publicações científicas, no período 2002-2011, situam-se na área das ciências sociais. Este estudo, que traz uma visão geral sobre o progresso da ciência nos cinco continentes, mostra que

os países em desenvolvimento vêm aumentando constantemente sua participação na publicação científica mundial em termos absolutos e relativos. Em 2002, a produção científica destes países correspondia a apenas 15% da produção mundial, enquanto que em 2011, este percentual sobe para pouco menos de 40%. O crescimento anual da produção científica (CAPC) destes países é de 15%, enquanto que o CAPC global é de 6%. Dentre as regiões em desenvolvimento que mais se destacaram na última década em publicação científica está a Ásia. A China lidera o crescimento da região (s/p).

A análise dos três países mais produtivos evidencia, também, os pesquisadores precursores nos estudos sobre internacionalização, a evolução dos estudos no período, bem como a afiliação institucional, possibilitando prospectar, por exemplo, possíveis redes de colaboração em pesquisa e outras análises futuras.

REFERÊNCIAS

- ARIA, M.; CUCCURULLO, C. bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. **Journal of Informetrics**, v. 11, n. 4, 2017.
- ARIA, M.; MISURACA, M.; SPANO, M. Mapping the evolution of social research and data science on 30 years of Social Indicators Research. **Social Indicators Research**, v. 149, 2020.
- ALTBACH, P.; KNIGHT, J. Globalization and the university and realities in unequal world. Tertiary Education and Management. Kluwer Academic Publishers, v.10, 2004.
- BLONDEL, V. D. et al. Fast unfolding of communities in large networks. **Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment**, v. 10, 2008.
- BORGES, D. S.; TAUCHEN, G. Internacionalização e mobilidade: aproximações no âmbito da AULP. In: **EDUCERE- Congresso Nacional de Educação; IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE; VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPD/CÁTEDRA UNESCO**, 2017, Curitiba. Anais Educere. Curitiba: Editora PUCPR, 2017. v. 1. p. 9243-9255.
- CALLON, M.; COURTIAL, J-P.; PENAN, H. Cienciometría – La medición de la actividad científica: de la bibliometría a la vigilância tecnológica. Asturias: Ediciones Trea, S.L., 1995.
- CASTRO, A. A. ; NETO, A C. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. Revista Lusófona de Educação, 21, 2012, p. 69-96.
- CORZO, G. D.; ALVAREZ-AROS, E. L. Estrategias de competitividad tecnológica en la conectividad móvil y las comunicaciones de la industria 4.0 en Latinoamérica. **Información tecnológica**, v. 31, n. 6, 2020.
- CUNHA, M. I. da; RESCHKE, M. J. D. Internacionalização da educação e mobilidade estudantil em questão. Anais da Reunião Científica Regional da ANPED: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais. Curitiba: Paraná, Julho/2016.
- DE WIT, H. Internationalization of higher education. In: _____. **Latin America: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Westport: Greenwood Press, 2002.
- _____; KNIGHT, J. An internationalization model: Responding to new realities and challenges. In: DE WIT, H. et al. **Internationalization of higher education in Latin America: The International Dimension**. Washington: World Bank, 2005.
- DUQUE, P.; CERVANTES-CERVANTES, L.-S. Responsabilidad Social Universitaria: una revisión sistemática y análisis bibliométrico, **Estudios Gerenciales**, v. 35, n. 153, 2019.
- GÁCEL-ÁVILA, J. **La internacionalización de la educación superior: paradigma para la ciudadanía global**. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 2003.
- GRÁCIO, M. C.C. Acoplamento bibliográfico e análise de cocitação: revisão teórico-conceitual. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 21, n. 47, 2016.
- HUGGETT, S. The bibliometrics of the developing world. **Research Trends**, Issue 35, 2013.
- KNIGHT, Jane. Updated internationalization definition. **International Higher Education**, Ontário; Canadá, v. 33, 2003.
- KNIGHT, J. Internationalization Remodeled: Definition, Approaches and Rationales. **Journal of studies in international education**, v.8, n.1, 2004.
- _____. J. Higher Education in Latin America: the international dimension. **Journal of studies in international education**, v.12, n.4, 2008.

- LAUS, Sônia. P.: A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração. Salvador, 2012.
- LAUS, S. P.; MOROSINI, M. C. Internationalization of Higher Education in Brazil. In: DE WIT, H. et al. **Higher education in Latin America: the international dimension**. Washington: The World Bank, 2005.
- LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. O Sistema de Educação Superior Mundial: entre a internacionalização Ativa e Passiva. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 3, 2009.
- MOROSINI, M. Estado do conhecimento sobre a internacionalização da educação superior – conceitos e práticas. **Revista Educar**, n.28, 2006.
- _____. Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educ. rev.**, vol.27, n.1, 2011.
- MANTILLA, J.; VERCOUTERE QUINCHE, T. Análisis bibliométrico y contextual de la producción científica en torno al Sumak Kawsay en Scopus. *Universidad y Sociedad*, v. 13, n. 3, 2021.
- TERÁN, J.; TAUCHEN, G.; LOBO, H. Enseñanza de la estructura espacio-tiempo: un análisis bibliométrico (1988-2020) y futuras direcciones de investigación. *Revista de Enseñanza de la Física*, v. 33, n. 1, 2021.
- SGUISSARDI, W.; DAL PAI FRANCO, M.E.; MOROSINI, M. C. **Internacionalização, Gestão Democrática e Autonomia Universitária em Questão**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.
- STALLIVIERI, L. As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional. **Tese (Doutorado)**. Programa de Doutorado em Línguas Modernas da Universidad Del Salvador. Buenos Aires/AR. Acordo de Cooperação Internacional firmado com a Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/BR. 2009.
- SOUZA Jr., J. M. de. A internacionalização e a mobilidade na Educação Superior: o debate na América Latina. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 10, n. 2, 2010.
- TEVISOL, M. G. ; FÁVERO, A.A. As Diversas Faces da Internacionalização: Análise Comparativa Entre Duas Instituições Comunitárias do Sul do Brasil. **Rev. Inter. Educ. Sup.** Campinas, SP, v5, 1-22, 2019.
- UNESCO. **Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción**. Paris: UNESCO, 1998.
- UNESCO. Educação superior: reforma, mudança e internacionalização. **Anais**. Brasília: Unesco Brasil; Sesu, 2003.
- VANZ, S. A. S.; STUMPF, I. R. C. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, 2010.